

Da fenomenologia à técnica de Ferenczi

Anna Verônica Mautner

O *mitfühlen* (sentir-com) é uma categoria empregada pelos fenomenólogos, mas isto não impediu Ferenczi de utilizá-la em sua clínica e em sua teorização.

O título do texto “Vantagens e Desvantagens do “sentir com” intensivo”, visto de qualquer lado, suscita inúmeras questões. Deixamos para outra ocasião comentar as *vantagens e desvantagens* e também não vamos falar sobre o *intensivo*, igualmente difícil de conceituar. Vamos então encarar o “sentir com”.

Budapeste ou Viena, 1932.
O ar está cheio de paradoxos.
A Primeira Grande Guerra parece que não foi o que

queríamos que tivesse sido: um ruído tão somente que teria cortado a inexorável evolução da civilização na direção do aperfeiçoamento social. Por um lado negras nuvens no horizonte germânico, e do outro o comunismo, a social democracia, e o liberalismo; os filósofos, os psicólogos, os antropólogos pesquisam e elaboram acerca do potencial da humanidade para a *felicidade*. E os psicanalistas também. E também Ferenczi tortura-se e deleita-se na

Anna Verônica Mautner: Socióloga, psicóloga, psicanalista, cronista.

busca de técnicas para abreviar e tornar mais eficiente a tarefa de eliminar a dor psíquica.

O trecho que estamos comentando, 17 de março de 1932, *Diário Clínico*, traz no seu último parágrafo, com destaque, a importância de encurtar a duração da análise e indica o “sentir com” como uma condição para isso.

No fim do século passado, e nas primeiras décadas deste século, a Europa foi palco do surgimento de grandes ilusões. A luz do fim do túnel parecia forte e atraente. Havia fé em muitos instrumentos de ação e pensamento criados pelo Homem. Portanto, fé no Homem.

No Ocidente acreditava-se na Ciência e na Política. Pesquisava-se, lutava-se e até se matava por idéias. É nesse clima de quase euforia, em que quase todos estavam engajados (em alguma fé), que a idéia do “sentir com” planava junto com muitas outras. Muitos pensadores lidaram com esta aptidão, além de outras, como próprias do ser humano. Na Europa tratava-se com familiaridade a subjetividade. Vamos encontrar o “sentir com” em Husserl, Heidegger e de uma forma extremamente didática em Max Scheler (*Nature et Formes de la Sympathie*, Paris, Petite Bibliothèque Payot, 1971).

Ferenczi também captou a idéia, e em seus últimos trabalhos começa a empregar a noção de *simpatia*, vista como uma etapa do desenvolvimento humano, segundo os fenomenologistas. Temos que sublinhar que esta idéia nasce e pertence a um universo conceitual que não se confunde com a origem médico-biológica das etapas de desenvolvimento da psicanálise. É aí um corpo estranho. Vamos por enquanto deixar por aí. Retomaremos as conseqüências que essa estranheza acarretou para Ferenczi.

O pensamento fenomenológico, assim como a psicanálise, nasce por esta Europa cheia de fé. Mas esta fé vai se organizar pelo menos em dois campos de destinos diferentes que

hoje vemos claramente; na época, seguramente faziam parte de uma confusão. Sabemos que a Alemanha e seus simpatizantes dividiram os homens em raças hierarquicamente concebidas e que sonharam com um mundo bom só para os melhores. Os outros sonharam com um mundo onde todos os “Homo Sapiens” se integrassem e pudessem constituir o reino global do Homem.

A Psicanálise ficou do lado de cá. As idéias científicas ou filosóficas foram tiradas de seu contexto e postas a serviço das ideologias, como se costuma fazer. O direito de todos à conquista da cultura e da tecnologia

Ferenczi pensava primeiro no cliente e depois nas conveniências da organização.

obrigaram um repensar da Pedagogia, da Medicina, com profundas influências do planejamento social e político. A idéia do “sentir com” estava aí. Servia para embasar a organização do movimento de massas e poderia servir, como estamos fazendo agora, para esclarecer a respeito da relação entre pessoas ou a respeito da intersubjetividade. Mas ainda voltaremos a isto.

Ferenczi, discípulo - quase companheiro - de Freud, complementava-o. O mestre pesquisava e construía a imagem, o funcionamento, as possibilidades da mente. Ferenczi lutava para desenvolver a técnica de

curar. Mas as funções do mestre eram invejadas, e vamos encontrar no texto que ora comentamos uma fala sobre sua esperança de que, uma vez terminadas suas pesquisas e experimentos da técnica, pudesse dedicar-se à teoria. A vida fará com que isto fique com o Pai, pois pouco depois Ferenczi morre.

Afinal, o que é este “sentir com” presente no ar? Como vimos, podemos imaginar o homem e a sociedade tendo que passar obrigatoriamente por etapas de desenvolvimento. A medicina descreve as etapas biológicas; o pedagogo, as etapas de aprendizagem; e o filósofo observou que a relação da pessoa com o outro não se apresenta pronta, ela sofre várias transformações no decorrer da vida, apesar de termos as condições para que as etapas ocorram.

A paixão não pode se manifestar em um homem que não sabe imitar, reproduzir. Não sou capaz, nem creio que fosse o caso, de desenvolver todas as etapas descritas, por exemplo por Scheler, para chegarmos ao amor acósmico de Deus. Mas assim como todas as etapas de desenvolvimento, estas e outras baseiam-se no fato de a anterior ser necessária para a implantação da próxima. Essa construção - etapas - está perfeitamente inserida no clima de fé da humanidade, no progresso e na possibilidade da felicidade. Dentro desse clima inserem-se fenomenólogos, marxistas, neopositivistas e psicanalistas.

Apenas apontando, digo que a psicanálise tem outros esquemas de desenvolvimento e outros pontos de chegada. “Sentir com” é um conceito que aparece na fenomenologia e que em Max Scheler tem como seu ponto final das etapas de desenvolvimento “o amor a Deus”. As etapas freudianas desembocariam na genitalidade, as kleinianas na posição depressiva etc. São pois fenomenologia e psicanálise plantas diferentes, nutridas tão somente por um mesmo solo.

Também na Europa, nessa época, vagueiam as idéias orientais. Não vamos nos esquecer das viagens de Hermann Hesse, Gurjev, do Orientalismo que toma formas ocidentais em trabalho corporal, relação corpo e mente. E tudo está ocorrendo enquanto o III Reich se organiza, Stalin domina, o Comintern lança suas garras pelo mundo.

A psicanálise era novinha, pequenininha e tocava em assuntos muito controvertidos e obscuros, como intimidade, sexualidade, amor. Era preciso cuidar desta plantinha. Ela tinha menos de 30 anos. E Ferenczi era muito mais solto (ou quem sabe tinha sua pena mais solta) do que outros discípulos. E, ao mesmo tempo, mantinha uma relação ambígua, porém muito forte com o mestre. Se Ferenczi leu Heidegger, Max Scheler ou não, não fui pesquisar. Sabemos que se correspondeu com Groddeck. A concepção corpo/mente de Groddeck não acompanhava o desenvolvimento das ciências biológicas ocidentais. Sofreu forte influência orientalista, apresentando-se como visão holística do soma, enquanto a Ciência ocidental analisava e dissecava. Assim vemos que possivelmente Groddeck, que foi médico particular de Ferenczi, pode ter influenciado indiretamente as técnicas de cura que ambos queriam dar de presente aos homens a fim de aliviá-los de suas dores. A ousadia os caracterizava e a visão holística também mostra sua presença nas tentativas técnicas de Ferenczi, que buscava em qualquer canto instrumentos e idéias para melhor curar. Era um clínico e seu papel diplomático dentro da sociedade internacional de psicanálise subordinava-se à sua clínica. Quero dizer que ele pensava primeiro no cliente e depois nas conveniências da organização. Outros discípulos davam mais atenção à sobrevivência da organização. Ernest Jones, por exemplo, quero acreditar tenha querido defender a Sociedade de Psicanálise da "infiltração"

fenomenológica-orientalista, que Ferenczi foi colocando na roda. Nós sabemos que a história é também movida por fatos aparentemente corriqueiros. Ferenczi quer curar. Outros querem manter viva a organização psicanalítica. Os dois estão certos... E a situação da jovem árvore não era das melhores. As ondas bárbaras germânicas avolumam-se. A maioria dos psicanalistas são judeus e alguns anglo-saxões que também não eram amados pelos nazistas. A Igreja, seja lá donde for, também não apoiava. Vemos que havia perigo. Daqui a pouco vão queimar os livros de psicanálise na Alemanha e proibir seu ensino.

O analista precisa acompanhar o cliente dois passos adiante, e o faz com sua capacidade empática e simpática.

Ferenczi em seus experimentos clínicos nota que a teoria do trauma, que nos últimos anos vinha sendo esquecida, estava lá no seu consultório todo dia. Ele traz a teoria do trauma de volta aos congressos e simpósios; ele subordina as técnicas à procura do trauma.

"... Acompanho os meus pacientes o mais longe possível e, com a ajuda de meus próprios complexos, posso chorar com eles, por assim dizer. Se adquire, ademais, a capacidade de represar, no momento certo, a emoção e a descontração, então posso prever o êxito com segurança."

De que êxito fala? Creio que é aproximar-se do trauma. Testa relaxamento - quase uma herança da

hipnose, a catarse, a análise mútua, elabora as condições da contratransferência, dando a esta um lugar privilegiado. Mas esses recursos aí estão para que possamos chegar ao trauma, sem cuja elucidação não terminaria uma análise exitosa.

"Sentir com", conforme nota de rodapé da edição brasileira, é *mitfühlen*. Na Enciclopédia Britânica vamos encontrar empatia como *einfühlen*. Portanto, já de início, empatia e simpatia não são a mesma coisa. Vamos dizer que empatia é compartilhar sensações e que simpatia seria compartilhar sentimentos. É uma simplificação funcional das idéias que existem a respeito. Empatia, pois, é condição para a simpatia, etapa anterior. É na empatia que vamos encontrar os pontos cegos do analista e é na simpatia que encontramos a perigosa contratransferência, à qual Ferenczi atribui importância técnica e ética. É preciso reconhecer o erro e é preciso que o cliente saiba que o reconhecemos. Por aí vagou a idéia da análise mútua e por aí mesmo ela foi descartada. O analista capta pela empatia, digere, elabora pela capacidade simpática, e constrói o vínculo que leva à etapa que se segue do amor universal pela reparação, genitalidade, etc. Pelo amor, etapa posterior à empática e simpática, o analista constrói sua dedicação, o sacrifício da auto-crítica. Exerce a compaixão, que é uma condição que se instaura na simpatia. Isto tudo não quer dizer que analista e analisando chorarão juntos; isto quer dizer que um ser humano é capaz de imaginar, reproduzir, captar o outro, seu semelhante, e que a vivência dessas semelhanças permite "sentir com". Sem que este fato seja o fim da tarefa do analista. É condição apenas, que fique bem claro. Quando a relação analítica permanece no nível da empatia, a relação ficaria como que destituída de pulsão. As idéias, as etapas, todas as observações, ficam reificadas. É preciso pois, dar a maior ênfase à análise do analista para

que ele, senhor do seu mundo interno, possa acompanhar o analisando dois passos à frente. Não é um absurdo. O analista, pela sua capacidade empática e simpática, enxerga no cliente o que a resistência deste não lhe permite enxergar, mas que já foi comunicado ao analista. Por isso, repito a imagem... o analista acompanha dois passos adiante.

O texto proposto me inspirou essas reflexões, mas eu queria ainda tecer comentários sobre a ablação de grande parte da obra de Ferenczi, durante tantos anos. Sugeri durante o texto que seria diplomaticamente inadequada a divulgação das experiências técnicas de Ferenczi, que lançou mão de esquemas fenomenológicos, orientalistas etc. Sugiro até que seja uma inadequação filosófica, como se a fenomenologia adotada pelos inimigos fosse veneno para nós. Politicamente, podia até ser. Diplomaticamente, é possível. Mas agora, 1993, ano centenário, já não tem mais perigo, se é que alguma vez perigo existiu e não fora apenas uma fantasia persecutória. Mas, como se diz quando se trata de vida, todo cuidado é pouco. Mas por que enrustir essas idéias por tanto tempo, é a outra questão. Vamos continuar benevolentes com os censores. A Segunda Grande Guerra, o stalinismo, separaram a Hungria, terra de Ferenczi, do Ocidente. Isto deve ter contribuído para o alongamento do tempo em que a psicanálise manteve inacessível as contribuições de Ferenczi e sua controvérsia com Freud e a I.P.A. Mas quando Ferenczi pode voltar, encontrou solo fértil e floresceu. A influência do *Middle Group* que o diga. Eu tenho vontade de acreditar que acima das briguinhas foram todos bem intencionados. Quero acreditar que na década de trinta quem era do lado de cá não podia nem olhar para o lado de lá. Mas os gênios, os obcecados, atravessam fronteiras e rompem barreiras, e assim Ferenczi usou o *mitfühlen* da fenomenologia.